

Coleção Ciências Sociais

REGINA WEBER

Os Operários
E A COLMÉIA

TRABALHO E ETNICIDADE
NO SUL DO BRASIL



Editora UNIJUÍ

Ijuí, Rio Grande do Sul, Brasil

2002

então; ele achava que não precisava e tava bom se ela tinha aprontado... o estudo, né? Porque estudo ninguém não tem demais. [...] Essa uma professora disse pra minha esposa, o melhor coisa que os pais pode dar, estudo para as crianças. Porque estudo ninguém tira deles, se querem trabalhar, progredir, eles vão mais pra frente. Esse é o grande coisa. (torneiro-mecânico)

CAPÍTULO 3

A “VIDA SOCIAL”

O título deste capítulo tem inspiração no cotidiano – atual e remoto – ijuiense. Já, em 1944, um jornalista, enaltecendo o progresso local, ponderava que a cidade “não tem, é verdade, a vida social dos grandes centros”; a expressão também aparece em 1970, indicando os centros recreativos institucionalizados e com acento elitizado¹. Indagado sobre a “vida social” naquela época, um entrevistado, membro de uma família de imigrantes, comentou: “Olha, a vida social, que... A minha mãe lavava roupa, para ajudar ganhar um pouco. Nós, filhos, cada um tinha que se virar, trabalhar. Então era isso... Social... não havia uma vida social como é que... a senhora. quer dizer.” Depois ele contou que ia a bailes em salões.

¹ Antonio Bresolin, “Trabalharemos para que Ijuí continue na marcha gloriosa de seu progresso”, *Correio Serrano*, 18 out. 1944, n. 84, p.5. “A vida social na Colmeia do Trabalho”, *Correio Serrano*, 19 out. 1970, n. 85. 3º caderno, p.12.

Vários tópicos aqui descritos aparecem em outros textos como estudos do lazer operário. A oposição trabalho/lazer é própria da sociedade moderna: "A mesma tendência de reduzir todas as atividades sérias à condição de prover o próprio sustento é evidente em todas as atuais teorias do trabalho, que quase unanimemente definem o trabalho como o oposto do lazer" (Arendt, 1958, p.139). O capítulo trata daquilo que os trabalhadores faziam quando não estavam na fábrica ou em outras atividades, domésticas ou não, necessárias à sobrevivência; na linguagem de Hannah Arendt, o que os trabalhadores faziam quando não estavam *laborando*. Entretanto, o emprego da noção de "sociabilidade" para essas circunstâncias não desconhece seu uso em outras, como, por exemplo, a "sociabilidade entre companheiros de trabalho" (Leite Lopes, 1988, p.93).

O TEMPO ALÉM DO TRABALHO

Em vários relatos, quando os informantes são convidados a falar de sua participação em clubes, de sua ida a festas, ouvimos uma espécie de queixa, de que o excesso de trabalho quase não deixava tempo para divertimentos; em outras palavras, o tempo de lazer aparece subtraído pelo tempo de trabalho:

Não. Muito raro se eu fosse nalguma festa. Muito raro. Porque meu serviço era assim, se... talvez caía em domingo, não é, às vez tinha mês que todos domingos nós tinha que trabalhar. (gerente da fábrica de cal)

RW: O Sr. participou de algum clube naquela época?

Entrevistado: Não, eu nunca participei disso.

RW: Sociedade, não era sócio de nenhuma?

Entrevistado: Chegava de noite em casa do serviço, tava cansado, não suportava fazer nada. (chefe da presuntaria)

Entrevistado: Nós quase não ia em baile. (chineleiro)

Esposa: Nossa vida era só trabalhar.

Esse último relato é de um trabalhador que recebia *por peça*. Essa forma de pagamento perdurou em Ijuí na década de quarenta (ver R. Weber, 1989, p.152) e é um exemplo da resistência local à legislação trabalhista. No caso de processos de trabalho que permitiam o deslocamento da matéria-prima – fabricação de brinquedos, sapatos – até a residência do trabalhador, este via sua jornada de trabalho prolongada noite adentro. O relato que se segue, de um tamanqueiro que fazia parte de um grupo de músicos que, às vezes, tocava em bailes "pra fora" nos fins-de-semana, ilustra as consequências de ficar tocando até clarear o dia para trabalhadores de setores diferentes:

Nós que trabalhava por peça [?], quando atrasava uma hora ou duas não queria dizer, prejuízo era nosso, né? Mas ele, meu cunhado, trabalhava em máquina, ele tinha que tá lá na hora. Então aconteceu uma vez, nós [?] domingo de noite também, chegemos atrasado /lá da festa/. Uma vez passava [?]. [Conta que daí veio o patrão; reproduz a fala dele em alemão; a mulher pergunta se eu entendi; eles explicam que ele disse que não podia faltar assim.] "Em vez deixar o serviço /e só tocar/ [?] que senão tu deixa os bailes e só vem trabalhar", o G disse. Ah! Ficava sem jeito! (tamanqueiro)*

Mas, na própria fábrica, a jornada de trabalho, antes da implementação da legislação trabalhista, que ocorre paulatinamente, era bastante longa. O "serviço", isto é, a necessidade de executar determinadas tarefas num certo intervalo de tempo, seja porque havia encomendas, seja porque – nas indústrias alimentícias – lidava-se com produtos perecíveis, é que determinava o tempo de trabalho diário, mesmo na visão dos próprios trabalhadores (R. Weber, 1989,

p.135). Outras formas de pagamento, que não a por peça, não significavam jornada menor: os horistas do frigorífico precisavam aproveitar a "safra", já que não tinham garantias de continuarem ocupados, e os mensalistas, mesmo quando ainda não recebiam "sobre-hora", permaneciam em seus postos, que sempre lhes rendiam gratificações. Os entrevistados rememoram que sábados à tarde também se trabalhava e que o sábado inglês só surgiu mais tarde.

Para essas famílias, que não contavam com o recurso de serviços, as lides domésticas e o cuidado de algum parente doente podiam retê-las no lar, principalmente os membros do sexo feminino. As lembranças a respeito das entrevistadas de passeios na praça, como se vê adiante, são quase sempre de tempos de juventude: "turma de guria", "matinê", "quando eu era nova". Já foi constatado que as formas de lazer dos operários diminuem com o matrimônio e – ainda mais – com o nascimento dos filhos (Rodrigues, 1970, p.20).

Comparando a sociabilidade burguesa com a sociabilidade popular na França do século XIX, Maurice Agulhon (1979) mostra que para esta existia o problema de tempo e lugar, enquanto os burgueses, com uma menor jornada de trabalho e com mais recursos, dispõem de mais tempo para o lazer e podem alugar um local para seus encontros; são essas as condições que permitiram o aparecimento dos *cercles* (equivalente ao *club* inglês). Mesmo reconhecendo limitações objetivas à sociabilidade popular, Agulhon critica, por outro lado, as descrições miserabilistas da classe operária, que a apresentam esmagada pelo trabalho e pela miséria, afirmando que a maior parte dos grupos operários podia permitir-se alguma sociabilidade. Mais informal que a sociabilidade burguesa, a sociabilidade popular, não dispende de meios para constituir espaços reserva-

dos, ainda que oficinas e quartos de rapazes solteiros constituíssem espaços de reuniões, vai direcionar-se para o espaço público, principalmente para o cabaré. Ao focar as formas organizadas da vida social, isto é, as associações populares, Agulhon as classifica em três categorias: profissionais (confrarias de ofício), culturais (sociedades musicais, por exemplo) e de lazer (semelhantes aos *cercles*). Referindo-se à França atual, Bourdieu distingue o topo da hierarquia operária das camadas inferiores da pequena burguesia pelo uso do tempo livre, quando os operários qualificados dedicam mais tempo à execução de pequenos serviços que os funcionários (Bourdieu, 1976, p.103).

Se já sabemos como o tempo condicionava as possibilidades de entretenimento dos trabalhadores ijuienses, devemos agora ver os lugares onde buscavam divertimentos.

OS CLUBES E OS SALÕES

Depois de algumas entrevistas, o pesquisador percebe que o termo *clube* quase sempre sugere aos entrevistados as entidades recreativas freqüentadas pela elite da cidade (*grandes, ricos*), daí a não-participação estar associada à falta de condições econômicas:

Entrevistado: Clube, essas coisas nunca. Ihh!

Esposa: Como é [?] pode um? Ele tem que ganhar... (colador de laminadora)

Não, clube não, naquele /tempo/ nós não freqüentava clube [...] Os pais também era pobre. (embrulhadeira)

A gente podia ir, mas queria fazer economia né. Então [?] queria fazer uma economia, [?] não pode acompanhar tudo. (tamanqueiro)

Pouco, porque... aqueles tempos meus pais não tinham muita possibilidade. A gente não podia ser sócio. (empacotadora de banha)

Olha, nesse ponto sou anti-socialista. Primeiro lugar não deu. Finanças não deram pra... participar na... sociedade, né? (tipógrafo)

Não. Gente pobre ir no clube? De que jeito?. Quando tem vestido, falta sapato; quando tem sapato, falta o vestido. [RW] É, era só luxo. O clube era luxo. Quem entrava, güentava com tudo. Tinha gente que deixava de comer pra freqüentar, mas nós não era desse tipo [ri]. (carameleira)

Essas afirmações, que distinguem uma camada social, comumente denominada de “pobres”, de uma outra que não apenas tinha acesso aos clubes, mas dispunha dos meios para ali estar à vontade, são contrabalançadas por outras que fazem menção a um tempo em que praticamente não havia distinções econômicas, bastando apenas o indivíduo – ou a família – ter a marca da respeitabilidade, nem busca de refinamento (orgulho, vaidade, “sociedade mais elevada”) ou, em outras palavras, não havia “transmutação simbólica das diferenças econômicas e sociais” (Bourdieu, 1966, p.24):

Todo mundo da cidade participava, não havia orgulho, não havia vaidade. Todos eles, as moças todas eram divertida. Quem ia de pé no chão, ia de pé no chão; se ia com sapato, ia com sapato. Mas nos bares tudo ia de tamanco. [...] Ali era o Hotel do Schultz, ali era os baile dos meus irmãos e das minhas irmãs. Como eu te contei, que pagavam um mil réis, tinha comida e bebida e dançavam a noite inteira. Chegavam ali, largavam os tamancos atrás da porta e iam dançar de pé descalço. (torneiro-mecânico; gerente de serraria nos anos vinte)

Quem fazia churrasco ali [Clube Alemão] era finado papai, chamavam ele, ...ma sempre. Ele que fazia aquele, vinte, trinta, quarenta quilos de carne. [...] [RW] ...gente, gente boa assim, né; o cara encrenqueiro assim não entrava. Eu por exemplo nunca paguei. Entrava, nunca paguei nada [?] mensalidade. (moldador, filho de ajudante de fundição, luso-brasileiro)

Tinha um clube, mas isto ali era... antes de eu iniciar o trabalho. Ali os clube faziam festa. Isso era do tempo de Ijuí colonial ainda. Como o caso de agora, da colônia ali. Aquela sociedadezinha [?]. Isto tinha antiga-

mente também aqui na cidade. Depois passou do colonialismo pro... categoria mais alta, sociedade mais elevada, mais poderosa; então a gente, [?] não dá pra acompanhar. Um que é empregado não pode acompanhar isso. [RW] Sim, tempo do Coronel, tempo Ijuí-coronel, até o ano de trinta. Naquela parte [?] colônia ainda, né? Aí todo mundo participava das festas. Depois a cidade foi aumentando. Sociedade cresceu...E os que tava lá embaixo, tinha que se afastar né? Não dá pra acompanhar não. Empregado não dá pra acompanhar isso. (tipógrafo)²

Nessa periodização pela memória entre um antes e um depois, percebe-se que a atual Sociedade Ginástica de Ijuí (Sogi), antigamente conhecida como Clube Alemão, atravessou um processo de elitização que culminou nos anos 50 com a construção de uma nova sede, que ainda hoje é a mais imponente e majestosa sede social da cidade:

Depois houve a construção lá na sede nova; a antiga sede era lá onde está a Primeira Igreja Batista. [?] eram animados. Os carnaval, geralmente chovia e pouco calçamento tinha [...] [?] levavam barro pra dentro, os calçados. Lá pelas tantas era uma poeira daquelas, então paravam tudo e vamos varrer primeiro o salão. [...]

E bem antigamente, a Ginástica era um pavilhão de madeira. Mas isso é bem antigo. (tipógrafo, depois comerciante)

Mas depois tinha o... Clube Alemão, onde está a Igreja Batista agora. Mas esse Clube Alemão, era um clube que quase todos entravam. Ali o Ijuí era aristocrata, só os grandes que entravam. E lá no Clube Alemão não, então nós ia, ia lá. (torneiro-mecânico)³

² Observe-se a estranha cronologia deste antigo tipógrafo que começou a trabalhar em 1937 com 15 anos de idade. Sobre o “tempo do Coronel” veja-se os dados históricos na Introdução.

³ Esse narrador conta, em outra entrevista, que no antigo Clube Alemão conviviam empregados e empregadores. Ele era amigo pessoal do proprietário de uma das fábricas da cidade, cuja amizade perdeu quando tornou-se líder sindical e fiscal do Ministério do Trabalho nos anos quarenta.

Durante as primeiras décadas do século, o Clube Ijuí foi a sede social mais expressiva da cidade. Sua origem remonta a 1900, dez anos após a fundação da colônia, quando foi organizado o Clube Ijuí de Atiradores. Em seus salões deu-se a sessão de instalação do município, em 1912. O prédio que por várias décadas foi o palco dos momentos festivos da elite ijuiense – e que existe ainda hoje – foi construído em 1920⁴. Em 1937, um ofício do Clube Ijuí, solicitando anistia das taxas de água e luz, justifica que a entidade merece “o estímulo e amparo do poder municipal não só por ser uma sociedade tradicional desta cidade, que reúne o elemento de escola, como, também, pela sua finalidade educativa, cultural”⁵. Entidade que reunia parte expressiva da elite dirigente do município, a Associação Comercial de Ijuí realizava suas reuniões, nos anos trinta e meados dos anos quarenta, em uma sala do Clube e até reivindicou que ela fosse privativa do órgão⁶.

“Clube Alemão” era o nome usual da Liga (ou clube, ou sociedade) Ginástica e Cantores, que surgiu em 1921 pela fusão de três sociedades teuto-brasileiras, de Agricultura, de Cantores e de Ginástica, fundadas respectivamente em 1898, 1906 e 1914. Em 1942, tempos de guerra, a entidade alterou seus estatutos e sua denominação passou para Clube Comercial; o nome atual, Sociedade Ginástica de Ijuí, foi instituído em 1950⁷. Em meados da década de

⁴ IJUÍ 1912/1962, p.69.

⁵ CÂMARA DE VEREADORES, *Livro de Atas*, 1º jun. 1937, F. 28. O pedido foi indeferido.

⁶ ACI, *Livro de Atas*, n. 2, 19 mar. 1936.

⁷ Ver SOGI, *Estatutos da Sociedade Ginástica Ijuí*, p.1. As denominações das sociedades originais eram *Gemeiner Landwirtschaftlicher Verein*, *Gesangverein Sängerrunde* e *Turnverein Gut Heil* (*Correio Serrano*, 22 out. 1941, n.85, p.3). Sobre os clubes ijuienses nos anos trinta e seus contornos étnicos, ver R. Weber, 1994, p.107.

quarenta, já contando com sede própria para suas reuniões de diretoria e do conselho deliberativo, a ACI reservava as dependências do Clube Comercial para suas assembléias e festividades⁸.

Desses clubes que resistiram ao tempo, conservaram-se alguns documentos através dos quais podemos confirmar que seus personagens principais certamente não eram operários. (Na França do século XIX, os círculos formais, com estatutos, eram comuns entre os burgueses [Agulhon, p.82]). Num dos *Livros de Proposta de Sócios* do Clube Ijuí, aberto em outubro de 1936 e encerrado em outubro de 1942, entre mais de 370 candidatos a sócio, alguns poucos podem ser identificados com segurança, pelo registro da profissão, como assalariados fabris: dois tipógrafos, um técnico industrial, um moldador, um lustrador; outros registrados como seleiro, mecânico, marceneiro etc., quase sempre tratavam-se de profissionais estabelecidos autonomamente; de qualquer forma, a imensa maioria dos sócios era de outra extração: comerciantes (ou “do comércio”), comerciários, funcionários públicos, industrialistas, bancários, profissionais liberais. Situação semelhante encontramos nas fichas de propostas de sócios do Clube Comercial: no exame de mais de duas centenas de fichas, de propostas encaminhadas entre 1945 e 1947, vemos uns poucos operários (torneiro-mecânico, confeitiro, torneiro de madeira) que, via de regra, mais tarde se estabeleceram autonomamente. A irmã desse torneiro de madeira lembra que o irmão ia nos bailes, mas ela não, isto é, ela não participava dos bailes de gala, “finos”, só praticava ginástica e aproveitava os carnavais do clube.

O próximo segmento de relato põe em cena um outro clube da época, ilustrando as duas acepções, a estrita (“nessas coisas”) e a ampla, do termo “clube” (ou “sociedade”):

⁸ ACI, *Livro de Atas*, n. 3, 24 fev. 1944, 30 ago. 1945, 20 mar. 1946.

Não. Clube, sociedade... Eu fui uma vez. Tinha os /Teschke/, eram nossos vizinhos. Eles eram sócios. Daí eu às vezes fui com elas assim, mas eu não era da sociedade, né? Meus pais não iam nessas coisas, [?] nunca fui. Lá no Clube Polonês sim. Que as minhas vizinhas eram da frente, essas, essa E, os pais dela, os Wawginiac, né? Eram nossos vizinhos assim em diagonal como agora é a Igreja ali. Então eles sempre me levavam junto, porque me conheciam, né? Mas tinha sociedade, só os poloneses ali. Outras pessoas... eles deixavam o pessoal entrar, quem era conhecido. [...] Então as pessoas que eles conheciam, sabiam gente direita, eles deixavam entrar. (impressora, teuto-romena; as vizinhas eram colegas de trabalho)*

O Clube Polonês existiu durante os anos trinta⁹. Há uma curiosa ligação, que a pesquisa não chegou a estabelecer, entre essa entidade e o movimento operário, pois, antes da formação dos primeiros sindicatos, há notícias de festejos do Primeiro de Maio em sua sede; mais tarde essa abrigou as primeiras reuniões do Sindicato Indústria e Comércio (R. Weber, 1994, p.108). A partir de meados da década escasseiam as referências ao Clube Polonês.

No início da década de trinta, um repórter do *Correio Serrano* fez uma visita "às sociedades das colônias estrangeiras", ou seja, ao Clube Polonês e ao Clube Alemão. Pela descrição, o Clube Alemão contava com cancha de bolão e cancha para "basket-ball". Os sócios ainda praticavam o "conhecido jogo das 'bocias'" e atletismo, além de organizarem operetas. No Clube Polonês ocorriam apenas "festas de caráter social". "Conjuntamente com a veterana sociedade da Praça da República [o Clube Ijuí]", os dois clubes das "coletividades estrangeiras" promoviam "a coesão entre as famílias ijuienses"¹⁰.

⁹ É possível que a entidade seja muito antiga. Em 1896 um cidadão polonês visitou os colonos instalados na Colônia Ijuí e fundou uma associação cultural denominada Kósciuszko (Cuber, p.28). Entre as fotografias incorporadas ao acervo do MADP, encontra-se uma que foi identificada como de uma festa na Sociedade de Cultura Tadeu Kosciuszko em maio de 1931 (MADP, 1974, fotografia III); o endereço da entidade permite concluir que trata-se do Clube Polonês.

¹⁰ "A reportagem do *Correio Serrano* visita as sociedades das colônias estrangeiras", *Correio Serrano*, 9 ago. 1933, n. 63, p.1.

Não tendo vida longa, pois foi sinistrada por um incêndio em 1943, a Sociedade Renascença, que também é lembrada por alguns entrevistados, oferece um pequeno exemplo de um salão luxuoso, distante do cotidiano dos operários:

Finalmente hoje abrir-se-ão os salões da sociedade Renascença para receber o "Grand-Mound" [sic] Ijuicense. Dentro de poucas horas o recinto renascentista, lindamente ornamentado, será o ponto "chic" de nossa cidade...

A Diretoria da sociedade Renascença leva ao conhecimento dos Srs. sócios, para que os mesmos não se façam acompanhar de pessoas estranhas, às quais será vedada a entrada. A copa será atendida por um esmerado serviço, estando o mesmo a cargo do Sr. Frederico Quim da Silva, proprietário do conceituado "Café Cidade". Traje - de preferência branco.¹¹

Estar fora dos clubes podia significar não praticar atividades recreativas que sempre foram muito populares nas colônias, principalmente entre a população de origem alemã, como a ginástica, o boliche, o canto, o tiro ao alvo¹². Poucos entrevistados, os que frequentaram os clubes, recordam-se de terem praticado o "jogo de bolão" (semelhante ao boliche). Pesquisando na década de 40 sobre a aculturação dos alemães no Brasil, Emílio Willems observou que formas tradicionais de recreação, como o canto, o boliche e a ginástica em aparelhos, foram substituídas, entre as gerações mais no-

¹¹ "Sociedade Renascença", *Correio Serrano*, 22 nov. 1939, n.92. Sobre a sociedade, ver também *Correio Serrano*, 1936, n.16; *Correio Serrano*, 12 mai. 1937, n.38; *Correio Serrano*, 1940, n.11; Bindé, p.83; *Correio Serrano*, 1943, n.87, p.5.

¹² Ver Willems, p.403 e Seyferth, 1990, p.54. "Em 1931 existiam, nas chamadas colônias novas da Serra (principalmente a zona de Ijuí, RS), 130 sociedades recreativas. Entre elas contavam-se: 48 sociedades de canto orfeônico; 37 sociedades de atiradores e de montaria; 15 clubes de boliche; 5 clubes de futebol (estes todos de data mais recente)" (*Serra-Postkalender*, 1931, apud Willems, ibid). Ver também PMI, *Livro para registros diversos*. Sobre a ginástica, desenvolvida principalmente na Sogi, e seu significado entre os teuto-brasileiros, ver R. Weber (1994, p.113).

vas, pelo jogo de bocha, introduzido pelos imigrantes italianos, e pelo futebol e associa o fenômeno à proletarização e à urbanização (Willems, p.406 e 408); a manutenção de traços recreativos dependeria do desenvolvimento econômico das colônias, que garantiria o tempo indispensável ao cultivo de festas e jogos (Id., p.407). Considerando que indivíduos não germânicos freqüentavam o "Clube Alemão", como constata-se pelas propostas de sócios, pode-se sugerir que a clivagem social em entidades recreativas, à medida que estas se elitizam e a sociedade envolvente se urbaniza, vai se tornando menos étnica e mais classista¹³.

A menção de um entrevistado à sua participação em CTG (Centro de Tradições Gaúchas) é registrável por seu caráter de exceção, isto é, os outros ou não se referiram ao assunto ou responderam negativamente quando perguntados. O CTG "Clube Farrroupilha" foi fundado em outubro de 1943¹⁴.

Se nos "clubes" a participação dos trabalhadores fabris ijuienses era restrita, podia-se encontrá-los em outro lugar: os "salões". Os salões eram locais de "baile", que durante o dia funcionavam como restaurantes. Situavam-se majoritariamente no "interior", "pra fora", nas "linhas", os mais citados localizavam-se na Linha 3, Linha 8, Alto da União, Aula 15 e Povoação (Cel.) Barros. Foram mais freqüentados pelos trabalhadores e trabalhadoras quando eram sol-

¹³ Sobre a participação de brasileiros de outras ascendências na vida recreativa teuto-brasileira, ver Willems, p.409. Num exercício comparativo, observe-se que René Gertz, estudando os operários alemães porto-alegrenses nas décadas 20 e 30, constata que "há uma clivagem étnica a perpassar a classe operária", pois várias são as organizações operárias de fala alemã, como a Caixa de Auxílio Navegantes (*Unterstützungskasse Navegantes*), que promovia atividades culturais-recreativas típicas da colonização alemã, como teatro, ginástica, canto, bolão etc. (Gertz, 1987a, p.180).

¹⁴ PMI, Livro para registros diversos; Correio Serrano, 1943, n. 84, p.6.

teiros. Nos relatos eles narram os meios utilizados para chegarem ao salão, já que não possuíam "auto": carroça e caminhão, muitos iam a pé. Na cidade, o salão mais importante era o dos "Gressler"¹⁵ (ou Gervi, porque o lugar, nos anos 50, passou a ser a sede do Grêmio Esportivo e Recreativo dos Viajantes de Ijuí).

Bom, o que havia, alguma festa assim digamos de Igreja, de escola. Se houvesse assim, nas colônias ali, né? Mas isso era raro, não havia tantas como hoje. O mais aonde iam esses mais adultos eram bailes, aconteciam lá [?] nós morávamos na Linha 3, então era na Linha 8, na Linha 6, Povoação Barros. Então já havia sempre salões assim, né? De recreação e tal; onde a turma então ia. Eu inclusive já com certa idade, lá pelos 16 anos [1941], eu já ia em baile e tal, assim sábados de noite geralmente. (op. de fábrica de manteiga)

Nós ia assim, não ia assim, não nos clubes assim, né? Ia nos baile, mas familiar, né? E nós ia prá fora também nos bailes. (encadernadora)

Nós ia nos baile. Nos baile pra fora. Então antigamente não existia como agora, essas coisas assim, né? Boate... Tinha assim uns bailes em redor [?] Linha 3 mesmo, aqui onde tem a... [...] aqui na Rua do Comércio pra cima, ali não sei... Gervi. Tinha a Linha 2, ali tinha um salão bom. (carameleira)

Olha os bailes tinha em Alto da União [...]. E aqui na Linha Três tinha uma bailante; na Linha 8 tinha... Tinha diversos. A gente procurava... Fim-de-semana, um baile ali ou lá, às vez dois baile; se ia num [sorrindo] não achava bom, ia no outro. Mas tudo na base a pé, porque.. condução ninguém tinha; auto então nem conhecia tempo de solteiro. [RW] É nem bicicleta eu não tinha. A gente se reunia uma turma assim na praça, então encontrava os amigos. "É, vamos pro baile." Então [?] pra que lado a gente ia. Pra Linha Três, ou pra Linha Seis, ou Linha Oito, Linha Oito Tell [Clube de Atiradores]. Então ali às vez se reunia e pegava um caminhão pra ir, porque outra condução não havia. (torneiro de madeira, casou-se em 1945, com 21 anos)

¹⁵ João Gressler, no final de 1944, anunciava um baile para inaugurar o salão reformado (Correio Serrano, 1944, n.89, p.3).

Eu era músico. Tocava em baile sábado de noite. [...] É, nós tinha uma orquestra. [...] Que nós... aquele tempo não tinha nem auto. Então a gente ia de carroça pra fora, até a Linha Oito, lá fora; tinha que sair meio-dia pra chegar de noite lá. Lá quando escurecia começava o baile. (tamanqueiro)

Entrevistado: Nós ia em clube também, mas, quer dizer em clube na... antes [?] salão de baile que tinha, né? Hoje não tem mais, hoje tem só os clube. [Para o visitante] Tu te lembra ali da Linha Três, o salão de baile... da Linha Seis, do Werner [?] salão ali. Ô, que baile saía ali!

Visitante: Hoje em dia é só mais sociedade.

Entrevistado: Sociedade. Hoje em dia é tudo mais na base do dinheiro. Aquele tempo tu ia lá, tu não pagava nada mensalidade. Tu ia lá, no baile, pagava tua entrada e... (montador de artefatos de madeira)

Visitante: E dava baile melhor do que hoje [?] sociedade.

Observe-se nesta última transcrição novamente a representação de "sociedade" como um espaço social elitizado; esse significado mais restrito do termo derivou das "sociedades" (= associações) que efetivamente restringiam a participação por meios tão objetivos quanto simbólicos (mensalidade, traje, ser "fino" ou "chic"). O entrevistado e seu visitante elogiam os salões em oposição à "sociedade", fazendo da exclusão uma virtude¹⁶; por outro lado, a comparação assume um caráter de valorização dos tempos de outrora.

Na imprensa local eram comuns as chamadas para esses bailes. Assim em janeiro de 1944, Guilherme Wolfram, da Linha 6 Oeste convidava "as exmas. famílias para o Baile, que realizar-se-á dia 22 do corrente" e avisava que, caso chovesse, o que dificultava o deslocamento naqueles tempos de estrada de terra, o baile ficava transferido para o dia seguinte. Como era habitual, o anúncio com-

¹⁶ Paródia de "fazer da necessidade virtude", locução empregada por Bourdieu (1966, p.11, pass.). Existem atualmente "sociedades" fora do perímetro urbano, sem, evidentemente, o luxo da Sogi, mas com algumas regras restritivas.

pletava: "cadenciará as danças o Jazz Pulmão de Aço"¹⁷. Ilustrando a manutenção de costumes rurais pela população urbana, os proprietários de salões também convidavam para o *kerb* (festa religiosa ou festa da paróquia, de origem alemã). Nos dias de carnaval, enquanto a elite da cidade divertia-se em seus clubes, com blocos, ranchas, fantasias, os salões recebiam seus frequentadores:

Então lá naquele carnaval, ali encheu o salão [Gressler]; mas quando começou... ferver mesmo, que o pessoal começava, levantar [?] bem, gritar, aí eles mandavam parar [?] com a música. Porque tava virando em folia. (tamanqueiro)

Logo após fundado, o Sindicato Indústria e Comércio de Ijuí discutiu a possibilidade de se realizarem bailes na sede social; numa segunda sessão, "sendo o assunto muito debatido, ficando resolvido por maioria que não"¹⁸. Como ver-se-á, as atividades de congraçamento festivo mais frequentemente promovidas pelos sindicatos eram os jogos de futebol e os churrascos.

AS FESTAS FAMILIARES E COMUNITÁRIAS, A PRAÇA, O CINEMA, O FUTEBOL...

Indagados sobre sua vida social, sobre o que faziam nos fins-de-semana, se iam em clubes ou festas, os entrevistados frequentemente lembravam de encontros em casa de parentes ou amigos próximos. Festas de aniversário, noivado e outras são denominadas "festinhas", também são lembradas as festas em igrejas e "colégios", como em uma transcrição acima. A comparação com os outros tempos também aparece nestas passagens:

¹⁷ *Correio Serrano*, 1944, n.5, p.3.

¹⁸ SEIC. *Livro de Atas*, 15 julho 1935 e 15 ago. 1935.

Olha nós, as festas eram, como hoje tem festa em toda a parte, né? Agora nós faziam muito, nós tinha muita amizade com essa família C, F*. Nós fazia nossas festas lá na Aula 15. A aula 15 era um colégio, como hoje é, e tinha baile, tinha festa, tinha as coisas, e depois nas famílias... lá no G*, os ... C*, a A*; conhece a A* F*? Nossos primos [?]. É.. pulando, sapateando. Eram logo festa, sabe. Fim-de-semana, nós ia lá na A*, sempre de verão, passava lá, faziam churrasco e... tomando banho naquele rio. Tardezinha nós vinha pra cá. Essas eram nossas festinhas. (carameleira)*

Nós fazia reuniões assim, domingo de tarde se juntavam... né? No fim se ajuntavam, arrumavam um gaitero, fazia música, dançava. Hoje se junta três aí já tem [?], tem briga. [RW] Aquele tempo [?] a gente arrumava aí, tinha uma casa grande aí [?] se reunia tudo lá, fazia baile. (montador de art. de madeira)

É, maior tempo ficava em casa. Aí ia passear, de vez em quando, né? [RW] É mais nos parentes né? Visitar um, visitar outro. [?] Porto Alegre, lá tem uma porção de parentes também. (chineleiro)

Entrevistada: Pois é, a gente saía, turma de guria. Aquele tempo a gente vinha, freqüentava muito ali na praça. Namorar e... andar. Tinha festinha, tinha aniversário. (empacotadora de banha, casou-se aos 18 anos)

Visitante: Tinha quermesse, tempo da igreja [católica]. (empacotadora de banha, cunhada da entrevistada)

O estabelecimento escolar mais citado, talvez porque muitos entrevistados sejam etnicamente alemães, é o Ceap (ver cap. 2). Pelo Livro de Tombo da Paróquia Nossa Senhora da Natividade, temos notícia de uma festa no Colégio Sagrado Coração de Jesus e das peculiaridades da época:

Neste domingo se fez uma festa no colégio das irmãs em benefício da nova [?]. O tempo foi bom. Reuniu bastante gente. Todos queriam ouvir contos da guerra e o Padre Wendelino /Funges/, que foi capelão das Forças Expedicionárias Brasileiras [?]. Ganhamos mais de doze mil cruzeiros.¹⁹

¹⁹ PNSN, Livro Tombo, n.3, 25 nov. 1945.

As igrejas predominantes na época – na cidade e, à primeira vista, também entre os trabalhadores – eram a católica e a evangélica (a igreja “do relógio”, ligada ao Colégio Evangélico), ambas situadas na praça central (Praça da República), uma de frente à outra²⁰. De uma pesquisa que não se deteve no aspecto religioso, ficam algumas hipóteses: 1) tomando por base os entrevistados, além de evangélicos, havia outros protestantes entre os operários, como batistas e adventistas; 2) conjunto dos protestantes entre os entrevistados ultrapassa 50%, superando bastante a média de 29% que o censo de 1940 atribui ao município. Porém, a hipótese de que o protestantismo fosse maior entre os operários que em outros grupos, como o dos colonos, precisa ser averiguada, pois o catolicismo se manifestava, por exemplo, entre os funcionários do Frigorífico, que ajudaram a construir a “igreja dos capuchinhos”²¹, segundo um informante; 3) a identidade religiosa poderia “concorrer” com a identidade operária, se mais não fosse, pelas horas do domingo: a vida religiosa, providenciando uma vivência social ao indivíduo, poderia deixar outras experiências, como a sindical, em segundo plano²². Um operário que nunca se interessou por política, que participou por “pouco tempo” de sindicato, quando posteriormente indagado sobre sua atuação religiosa, disse que participava da comunidade da igreja (Luterana Emanuel)²³, que lia o “Mensageiro Luterano” e que

²⁰ O calendário das festas religiosas católicas podia ser bem intenso; por exemplo, para o mês de junho de 1946 estão registraram-se Festa do Corpo de Deus, Festa do Sagrado Coração de Jesus e Festa de São Pedro (Id., 20 jun. 1946; 28 jun. 1946; 29 jun. 1946).

²¹ A “Igreja São Geraldo” começou a ser construída em 1944 (Correio Serrano, 1944, n.14, p.5).

²² Em um grupo de operários, majoritariamente católicos, constatou-se que a porcentagem de não praticantes era maior entre os sindicalizados (Rodrigues, p.21).

²³ A Igreja Luterana Emanuel de Ijuí foi inaugurada em 1942 (Correio Serrano, 1942, n.102, p.3).

chegou a participar, como representante de comunidade local, de uma convenção em Porto Alegre, nos anos 50. Além disso, para os evangélicos, a identidade religiosa quase sempre se sobrepunha à étnica (alemães). Entretanto, só uma outra pesquisa revelaria o papel da religião na formação da cultura dos trabalhadores, assunto que, entre os historiadores ingleses, é ponto de discussão (ver Hobsbawm, 1967, p.261). A atuação do circulismo católico entre os operários é analisada adiante.

Várias falas assinalam um outro lugar em que os trabalhadores fabris faziam-se presentes. Se os bailes nos salões (das colônias e dos clubes) e as festas em família demarcavam ambientes específicos para certos grupos sociais, a praça, assim como os colégios e igrejas, era um espaço não apenas público e aberto, mas que pessoas que se autodenominavam “pobres” não se constrangiam em frequentar. Pode-se dizer então que o quadrilátero da Praça da República, com suas calçadas, com as igrejas e o cinema em volta, cumpria sua função de lugar público e comunitário. Mesmo o cinema estava ao alcance dos jovens trabalhadores (“Cinema nós ia, domingo, fim de semana nós ia; se não tinha dinheiro, ajeitava ali, a mãe sempre tinha o banquinho dela.”) e o namorico com pessoas de classe social mais elevada: “Subia de tarde, no matinê do cinema; namorava, eu era muito namoradeira, namorava até esses piazote rico, que nem tinha graça”²⁴. Tampouco o uso de roupas endomingadas (“Tinha

²⁴ Esta operária do frigorífico casou com o irmão de uma colega, um rapaz que já havia trabalhado em refinaria de banha e que estava no serviço militar; depois ele empregou-se numa laminadora de madeira como ajudante de conferente e posteriormente estabeleceu-se com oficina mecânica. O relato lembra as descrições de Hoggart sobre a rapariga das classes operárias, cujos anos de “frivolidade deliberada” vão terminando com o início do “namoro a sério”, que resulta em casamento (Hoggart, v.1, p.63-64).

que ir de casaco e gravata”) parecia incomodar. Nas noites de sábado e principalmente aos domingos, grupos de moças e rapazes circulavam em volta da praça trocando olhares ao som de um alto-falante:

Ah que quando era nova, a gente ia no cinema, ia passear na praça, como nós tava falando ontem, D^a A tava aqui né, e trouxe uma senhora, conhecida dela junto, aí nós tava conversando ainda eu disse, “D^a A*.., a Sra. lembra quando nós ia na praça, nós conquistava os rapazes [?] em roda da praça”. Então que [?] rodeavam assim, e às vez enquanto nós dava a volta ansin, depois nós se encontrava de frente [ri bastante]. Era aquela farra meu Deus do céu! (impressora e empacotadora de banha)*

Nós passeava assim em volta da praça. Tinha alto-falante! [RW] Era das oito até às dez horas, era bonito, era só das oito até dez horas. (embrulhadeira de balas)

Nós não ia no cinema. Nós, antigamente... Daí a nossa praça era muito bonita, então a gente passeava na praça de noite, né? Depois estragaram a praça aqui, mas a nossa praça era muito bonita. Era tudo calçada de passeio e tinha árvores e tinha banco pra sentar e era muito bonito, iluminado. Agora não tem mais nada bonito na praça. Era muito bonito nossa praça. [RW] De noite passeava na praça, fazia a volta em roda da praça. Nossas amigas conversavam e /ajudavam/ até uma certa hora, até às 10 horas, então a gente vinha pra casa. [RW] Mais rico, mais pobre, isso... De noite era assim na praça, sempre passeavam. Como era bonito. (embrulhadeira de balas)

Na cidade, era só.. cinema e praça. Hoje em dia não se vê mais na praça, quase ninguém. Aquele tempo era todo mundo. (torneiro-mecânico)

Esse último narrador é um dos que se lembram dos cafés que existiam em torno da praça, como o Café Internacional, aonde “maioria ia”. Ele reafirma que comerciantes, comerciários, empregados, “seguido se encontravam na praça” e justifica essa sociabilidade indiscriminada pelo fato, que não deve ser subestimado, de que Ijuí “era cidade pequena”: “a gente conhecia todo mundo naquele tempo”, “de vista conhecia todo mundo”, “aí o comerciante, industrial, conhecia todo mundo também”.

Ainda que presente em vários relatos, o *futebol* não parece ter atraído a maioria dos trabalhadores. Há lembranças dos times improvisados, que “não duravam”, de uns quinze a vinte homens que precisavam comprar a roupa e, para jogar em outra cidade, era necessário alugar um caminhão porque “ônibus não tinha àquela época”²⁵. Entretanto, quando formavam-se times organizados em clubes, com bem mais frequência estes contavam com proprietários de fábricas em suas diretorias que com trabalhadores; isto é o que o pesquisador conclui de um documentário que resgata a história dos times e clubes de futebol ijuienses (Bindé, 1988). Os trabalhadores fabris que participaram dos clubes eram quase sempre aqueles que não se enquadravam numa condição operária típica, em outras palavras, que estavam à vontade entre indivíduos de classe média; um exemplo é o líder sindical João Agostini (ver cap. 4). Se não na diretoria dos clubes, talvez entre os jogadores se encontrassem alguns operários; nas fotografias recolhidas por Bindé há muitos jogadores “não identificados”, mas é apenas uma hipótese que esses anônimos fossem trabalhadores fabris. Em um depoimento para o autor, João Agostini, que foi empregado da fundição da família Reimann, narra uma situação singular acerca do Grêmio Foot-Ball Ijuhyense, time que existiu até 1934, do qual foi jogador: “Então era presidente o Carlos Reimann, que tinha quatro ou cinco empregados na sua fundição que eram jogadores do Grêmio. Carlos Reimann fazia o pessoal dormir na ‘república’ que existia em cima da fundição. Ele levantava às quatro da madrugada e mandava eles correr meia hora em redor do campo. O clube não pagava ordenado, mas dava em-

²⁵ Veja-se Warren Dean descrevendo a cidade de São Paulo no início do século: “O futebol chegaria alguns anos depois; os empregados da companhia de gás e das estradas de ferro praticavam o *sport* bem antes do aparecimento dos primeiros clubs” (apud Hardman, 1983, p.102, n. 16).

prego na fundição. ‘Os melhores estavam ali dentro’, conclui João Agostini” (Bindé, p.29). No *Livro para registro das propostas de sócios* desse clube, em mais de uma centena de propostas, entre os anos 1924 e 1926, encontramos três em que a profissão do candidato é “operário”; as profissões mais recorrentes são comerciante, empregado no comércio, industrialista, além de uma miríade de autônomos ou pequenos proprietários (padeiro, cervejeiro, hoteleiro, ferreiro, fotógrafo, construtor, farmacêutico etc.)²⁶. O engajamento dos trabalhadores fabris nos clubes de futebol assemelha-se, portanto, à sua inserção nos clubes recreativos, ou seja, é circunstancial.

O “São Luiz”, que se tornou o grande time da cidade, mantendo uma projeção estadual desde que passou para time profissional na década de 50, contou com a presença de trabalhadores como sócios-fundadores. Isso porque o Esporte Clube São Luiz foi fundado em 1938 numa escola noturna que funcionava no Salão São Luiz, o salão paroquial da PNSN. Essa informação elucidada a entrecortada fala de um antigo metalúrgico, exemplo daqueles trabalhadores que trabalhavam durante o dia e estudavam à noite:

De lá inventou [?] virou futebol. Inventaram o tal São Luiz. Existe hoje. [...] Meu estudo acho que foi 5 meses, nem isso. Ali virou em futebol e... terminou a aula. Aí parei de estudar, aí não fui mais. [...] Eu sou fundador do São Luiz.

Como afirma o autor do documentário, “por certo, o professor Angelino e seus alunos da época não poderiam prever que aquela modesta equipe estudantil viria crescer e se constituir numa das maiores expressões do futebol de Ijuí e da região” (Bindé, p.59). Não

²⁶ Gremio Foot Ball Ijuhyense, *Livro para registro das propostas de sócios*.

há dúvidas de que o São Luiz foi se elitizando à medida que adquiria projeção, contando com notáveis da cidade tanto na diretoria do clube como entre os jogadores²⁷.

A relação dos trabalhadores fabris com o futebol é ilustrada por uma ata do Sindicato dos Metalúrgicos. Por ocasião da Semana da Pátria de 1943, tentou-se obter, com os clubes da cidade, um desconto de 50% aos operários em uma partida de futebol, como expediente para obter recursos para cobrir os gastos do churrasco que as quatro entidades sindicais estavam promovendo; a proposta não foi aceita. Se os operários prestigiavam os clubes, por outro lado, eles realizavam seus próprios jogos: uma preliminar intersindical da qual participariam "Sindicatos de Carnes, Metalúrgicos, diversos Sindicatos de Calçados e Madeiros" foi impedida na última hora pela Delegacia. Em tempos de Estado Novo, para obter a licença para o jogo de futebol, foi necessário enviar fonogramas para o Ministro do Trabalho, Indústria e Comércio, ao Procurador Geral da República, ao Delegado Regional do MTIC e ao Delegado Regional da Polícia de Cruz Alta.²⁸

É de 1948 o surgimento de um time que Bindé entende "de operários": "o Esporte Clube São José, agremiação que teve alguns anos de intensa atividade esportiva e social na então vila São José, que hoje leva o nome de Bairro São José."²⁹ A maior parte de seus

²⁷ Sobre outros clubes de expressão criados nesse período, ver Bindé (p.81 e 89).

²⁸ STIMMMEI. *Livro de Atas*, 5 set. 1943. Certamente é essa a "partida de 'Futebol' entre as Entidades Sindicais", inicialmente agendada pelo COI para 5 de setembro, que previa "da Carne e Madeiros" versus "de Calçados e Metalúrgicos" (COI, *Livro de Atas*, 11 ago. 1943).

²⁹ "O Bairro São José acordava com o movimento da indústria e adormecia quando os trabalhadores voltavam para casa. O Bairro nasceu em decorrência do Frigorífico Serrano e floresceu na década de 50, quando a indústria atingiu sua fase áurea". Esse texto é de um jornalista, comentando a falência da empresa, decretada em 1983 (José Guedes, "O Serrano tem volta?", *Jornal da Manhã*, Ijuí, 6 dez. 1986, p.32).

integrantes era formada por operários e alguns funcionários mais graduados do Frigorífico Serrano S.A." (Bindé, p.109). O São José permaneceu em atuação até 1953; perdurou, portanto, num intervalo de tempo que sucede o clube organizado pela direção do Frigorífico (ver abaixo), antes da conversão deste em sociedade anônima, e antecede a organização dos times de empresa. Pelas fichas de registro de empregados do Frigorífico, confirmamos que alguns nomes das diretorias e outros mais de jogadores são efetivamente de trabalhadores da produção, contudo não parecem ser suficientes para garantir um perfil "operário" ao clube, pois, como reconhece o próprio Bindé, outros tantos componentes do clube não são operários.

Os times de empresas públicas ou privadas são criações mais recentes. Por iniciativa de um grupo de funcionários do Departamento de Força e Luz da Prefeitura Municipal, foi organizado em 1950 o Força e Luz Futebol Clube (Bindé, p.111); o Grêmio Sportivo Serrano, do Frigorífico Serrano, foi fundado em 1953; também nos anos 50 estava em atividades o Departamento Esportivo Schmidt, da firma Artefatos de Madeira Schmidt; empresas comerciais também deram surgimento a times de futebol (Id., p.229)³⁰.

Segundo Willems, nas zonas de colonização germânica, o futebol agiu como fator de assimilação, principalmente numa população que "vai sofrendo desnivelamentos econômicos decorrentes do processo de industrialização e proletarização" (Willems, p.412) e sua atração sobre a geração mais nova (nos anos 40) é explicada por ser "menos dispendioso" que as formas tradicionais de recreação da população de origem teuta.

³⁰ Sobre times de futebol ou associações esportivas vinculados às fábricas e empresas ver Decca (1987, p.42).

A cancha para o jogo de bochas, outro entretenimento masculino e que, para os teuto-brasileiros, substituiu parcialmente a prática do boliche (Willems, p.411), podia estar localizada tanto em um clube quanto junto a um salão de baile, ou ser improvisada em algum "potreiro". Segundo João Agostini, a discussão mais decisiva para a formação do Sindicato dos Empregados da Indústria e Comércio ocorreu num Sete de Setembro (1934) "durante um jogo de bochas" (Barbian, p.108) e é dele a afirmação de que domingos, "era sagrado [...] ir na missa primeiro, depois no jogo de bochas" (Id., p.195). Num balanço da antiga sede do Sindicato de Ofícios Vários (sucessor do SEIC), aparece "instalação da cancha com respectivos postes", além de "quadros de víspera"³¹.

Em dois excertos de entrevista vimos um tamanqueiro recordando-se da orquestra da qual participava e outro operário afirmou que na colônia, antes de migrar para a cidade, era músico de bandoneon; entretanto, esse tipo de manifestação cultural está um pouco distante das corporações musicais operárias que existiram em outros lugares do país (ver Hardman, 1983, p.57, n.64).

Nos meses quentes, uma prática popularizada era passar o dia à beira de um dos rios que cortavam o município; as famílias operárias para aí se dirigiam a pé ou de carona. Porém dificilmente encontraríamos operários veraneando nas estâncias hidro-minerais do Itaí, tampouco freqüentando o movimentadíssimo cassino que ali existiu de 1940 a 1943³². Um dos entrevistados disse que foi

³¹ Seic, *Livro de Atas*, 18 out. 1936. Seyferth afirma que o jogo de bochas não era uma atividade exclusivamente domingueira (Seyferth, 1990, p.55).

³² Ver Lazzarotto, 1984 e a propaganda da "Estância Hidro Mineral de Itaí" no ALBUM. Itaí é uma "localidade interiorana" de Ijuí. Uma ilustração do veraneio na estância do Itaí como prática da elite está em uma ata da ACI (*Livro de Atas*, n.3, 10 maio 1944).

duas vezes ao cassino, jogou e ganhou, aí não foi mais, pois a sorte poderia virar. Hoggart e Hobsbawm registraram o gosto pelos jogos de azar entre os operários ingleses. No Brasil, esses também foram anos de cruzada moralizadora contra o o contra o jogo, que resultou num decreto presidencial proibindo os jogos de azar³³. Uma queixa divulgada pelo periódico local informa que os trabalhadores tinham acesso a modalidades mais populares de jogos; a fraseologia do texto fica melhor compreendida se lida no contexto da ideologia do trabalho:

Queixa-se o laborioso povo desta cidade contra o barulho e a nefasta jogatina dos parques que assiduamente visitam Ijuí. E justificam-se sobejamente as alegações do público, porquanto à sombra das "diversões" que os parques anunciam, acoita-se a deprimente jogatina, que arranca até o último centavo do trabalhador, porque em geral os que poderiam jogar são os que não jogam. Além disso, ao trabalhador que labuta durante o dia todo, à noite necessita sossego e não barulho de alto-falantes inconvenientes que prejudicam a tranqüilidade dos moradores citadinos, mormente dos que estão localizados nas proximidades dos parques.³⁴

AS FESTAS SINDICAIS E AS MANIFESTAÇÕES CÍVICAS: O PRIMEIRO DE MAIO E OUTRAS DATAS

Em 1929 e 1930 aparecem no *Correio Serrano* duas referências pequenas a comemorações alusivas ao Primeiro de Maio. A primeira notícia que um proprietário de olaria ofereceu um churrasco comemorativo a amigos e convidados; a outra, sob a chamada "O Dia

³³ Antonio Bresolin, "Combate ao Jogo", *Correio Serrano*, 1944, n. 40, p.6; Otarã Ribeiro, "E o jogo continua...", *Correio Serrano*, 10 jul. 1946, n. 55, p.6.

³⁴ "Queixas do Público", *Correio Serrano*, 8 maio 1946, n. 38.

do Operário”, informa que “em nosso meio, onde existem grande número de operários, conta-nos, haverão demonstrações diversas festejando a data universal”³⁵. A partir da fundação dos sindicatos de trabalhadores fabris, em meados da década, as festividades do Primeiro de Maio, estarão sempre associadas a estes; aliás, uma das primeiras tentativas de organização sindical deu-se justamente num desses primeiros de maios, o de 1934:

Ontem, o dia do operário, grande numero desses propulsores de nosso progresso, organizaram uma esplêndida festa, no vasto edifício onde funcionava a fábrica Schamberg. Ao meio dia foi servido suculento e gordo churrasco, regado a especial vinho da terra, regional. Após se acharem todos servidos, usaram da palavra diversos companheiros, afim de tratar-se da organização do “Sindicato dos Operários de Ijuí”...³⁶

Além do jornalista que representava o periódico, estava presente um representante do Ministério da Agricultura. O caráter “operário” do Dia do Trabalho – essa denominação também aparece nesse número do jornal – é reafirmado pelo fato de os comerciários festejarem o “Dia do Empregado”; em 1934, por ocasião desse dia, foi feriado no município³⁷. Também com churrasco se comemora a data em 1937; nas atas do sindicato (Sindicato dos Ofícios Vários) o registro do evento é pitoresco: “Passou-se depois a tratar sobre a festa de 1º de Maio o presidente disse que percizávamos mais ou menos 100 kg si chover e si não chover 150 kg”³⁸.

Confirmando a apropriação da festa de 1º de Maio, após o desbaratamento da Federação Operária do Rio Grande do Sul, em 1935, por entidades como a Igreja Católica, através dos círculos operários (Petersen e Lucas, 1992, p.451), constata-se que, desde sua criação, em 1936, o Círculo Operário de Ijuí foi, ao lado dos sindicatos, o grande patrocinador do Dia do Trabalho. Veja-se esta ata de 1938:

Estando próximo o dia 1º de Maio, Dia do Trabalho, este Círculo, com o intuito de festejar condignamente esta data, resolveu oferecer aos seus associados um pequeno festival. Foi longamente deliberado sobre o assunto, tendo-se chegado à conclusão de fazer um churrasco, sendo que todos que queiram tomar [parte] no mesmo, deverão contribuir com a quantia de 2\$000. De noite será realizada uma hora de arte no salão São Luiz, e, todos os sócios que tenham tomado parte no churrasco e estando quites com a Tesouraria, terão entrada franca. Os que estão em atraso com suas mensalidades deverão pagar, para assistirem às representações, 3\$000 de entrada. Aos operários sindicalizados, que estiverem em dia com suas respectivas tesourarias, também será franqueado o ingresso. Ficou também assentado que para esta festa seriam convidadas: as autoridades locais e uma representação do Sindicato dos Patrões.³⁹

Não foram localizadas informações sobre a viabilização desse programa; porém, para vários outros anos são noticiadas comemorações que podiam incluir, além do churrasco, “diversas festividades”, passeatas, jogos de futebol, sessão com oradores e, é claro, missa⁴⁰. Como o Dia do Trabalho foi uma das muitas datas apropriadas pelo Estado Novo para manifestações de civismo e brasilidade,

³⁹ COI, *Livro de Atas*, 19 março 1938. A referência à “hora de arte” aparece em ata anterior (Id., 7 mar. 1937); entre os departamentos criados na reorganização do COI, em 1946, estão os de “Teatro” e “Música” (Id., 10 nov. 1946); contudo, não há mais dados para sabermos em que consistiam tais atividades culturais.

⁴⁰ “O dia do trabalho”, *Correio Serrano*, 2 maio 1936, n.36, p.1; “O Dia do Trabalho”, *Correio Serrano*, 5 maio de 1937, n.36, p.1; “Comemorações do Dia do Trabalho”, *Correio Serrano*, 27 abr. 1940, n. 34, p.2; COI, *Livro de Atas*, 20 abr. 1942.

³⁵ *Correio Serrano*, 2 maio 1929, n.18, p.1 e 1º maio 1930, n.18, p.1.

³⁶ *Correio Serrano*, 2 maio 1934, n. 35, p.1.

³⁷ *Correio Serrano*, 1934, n.87.

³⁸ Seic, *Livro de Atas*, 29 abr. 1937 (foi mantida a grafia original).

os desfiles patrióticos passaram a ocupar o primeiro plano nessas comemorações, o que é ilustrado por uma ata do sindicato dos metalúrgicos, cujo texto precisa ser lido tendo em mente que o fato de regiões como Ijuí estarem na mira da campanha de nacionalização podia exacerbar demonstrações de patriotismo:

Reuniu-se para festejar a data máxima do operário, os operários metalúrgicos de Ijuhy, que depois de se acharem presentes muitos operários de diversos Sind. formaram todos em frente a sede dos operários e daí seguiram pela rua do Comércio até chegarem em frente ao salão S. Luiz aonde já se achavam grande aglomeração de famílias e colegiais que esperavam a hora para ouvir a missa campal que ali iria ser rezada; em seguida chegaram diversos colégios formados e todos trazendo dísticos com dizeres alusivos à data, que foram todos recebidos por estrondosas salva de palmas. Antes da Santa missa falou o Rvdo. padre Pio Buzanello que versou sobre a lei trabalhista [e] que ao terminar foi muito aplaudido. Em seguida falou o Ilmo. snr. Cunha Queiroz que pronunciou um vibrante discurso que foi diversas vezes abafado pelas palmas dos presentes; o snr. Queiroz ofereceu às classes operárias, o inteiro apoio do Grêmio Ijuicense de Letras do qual é membro destacado; em seguida foi ouvida a Santa Missa por todos os presentes, foi cantado o Hino Nacional e o Hino à Bandeira e o Hino Operário; em seguida os colégios que estavam formados desfilaram de regresso aos seus colégios e os operários formados regressaram para sua sede aonde foi dissolvida a formatura com vivas ao snr. Getúlio Vargas, ao Ministro do Trabalho e ao General Cordeiro de Farias, retirando-se todos em perfeita ordem...⁴¹

Qual era efetivamente a participação dos operários nessas cerimônias? O entusiasmo do relator da ata não aparece em outras fontes. Somente um ou outro entrevistado confirma ter desfilado

⁴¹ STIMMMEI, *Livro de Atas*, 1º maio 1942. É possível que o tom patriótico da redação deva-se a João Agostini; anos depois, quando já atuava como representante do Ministério do Trabalho, Agostini em "rápidas palavras" agradeceu a todos, "em nome do Mrio. Tlho", "pela grande parada de 1º de Maio" (Id., 7 maio 1944). Sobre o 1º de Maio como momento cívico, ver também *Correio Serrano*, 3 maio 1939, n.35, p.3; *Correio Serrano*, 1940, n. 34; *Correio Serrano*, 1941, n. 34, p.1; *Correio Serrano*, 5 maio 1943, n.36, p.6.

durante o 1º de Maio e, para o ano de 1943, os articulistas do *Correio Serrano* são enfáticos em reclamar do não-comparecimento de empregadores e empregados ao evento. Para um cronista do Grêmio Ijuicense de Letras, a representação do operariado ijuicense ao ato foi insignificante: "40 pessoas, se tanto, quando há, em Ijuí, alguns 800 operários, em maioria sindicalizados". O restante de seu comentário nos permite duas observações: primeira, nem sempre vicejava a harmonia entre empregados e empregadores que tantos discursos transcritos na imprensa propalavam (R. Weber, 1994, p.112) e, segunda, entendia-se que a solenidade do Dia do Trabalho servisse para referendar as medidas do governo varguista:

Dos empregadores, que víssemos, apenas um. E esse mesmo não o vimos ali, mas dali... Pois, desprezando ele três vias laterais da praça, quase desertas, preferiu, como por ironia, "empurrar uma primeira" no seu calhambeque a gazogênio, para triunfalmente passar entre a assistência, no instante preciso em que a oração comemorativa mais prendia as atenções. [...] O descaso que verificamos, naquele dia, por parte dos empregados e empregadores, raia por um absurdo: a indiferença dos primeiros pela proteção e prestígio, que lhes são assegurados no regime vigente, e como um protesto dos últimos contra as justas normas legais, adotadas para regular as relações entre o braço e o cruzeiro...⁴²

Tomando as palavras desse redator como representativas da ideologia do "regime vigente", pode-se afirmar que este apropriou-se da data invertendo o sentido original das manifestações: uma das características do 1º de Maio inventado no século passado pelo movimento operário internacional era a designação do Estado como interlocutor e os desfiles operários deviam servir para intimá-lo a aplicar reformas sociais (Perrot, p.130); na versão varguista, os operários são convocados a homenagear o Estado benfeitor.

⁴² Joaquim Mendes, "Comentários", *Correio Serrano*, 8 maio 1943, n.37, p.5.

No 1º de Maio de 1944, foi programado um evento mais bem-sucedido: “atendendo a apelo do Círculo Operário e sindicatos locais [...] os empregadores, usando da sua peculiar generosidade para com os seus empregados, obsequiaram o operariado local, às 12 horas desse dia, no Salão S. Luiz, nesta cidade, com um succulento churrasco, regado com finos e apetitosos líquidos”. Na semana seguinte, foi publicada uma lista das empresas que contribuíram com o churrasco, acompanhada do valor da contribuição⁴³. A prática do novo paternalismo cristão por parte dos líderes das indústrias e do comércio fora pregada pela encíclica *Rerum Novarum*, de Leão XIII, de 1891 (Diehl, p.17).

Ao “tempo festivo” do Estado Novo (Gomes, 1988, p.235-37), não faltavam efemérides às quais os sindicatos e o Círculo Operário de Ijuí se faziam presentes. A principal delas é a Semana da Pátria e alguns trabalhadores lembram-se que desfilavam em 7 de setembro. No Dia da Pátria, o operariado – isto é, os sócios arregimentados pelas entidades – seguia com suas bandeiras em passeatas conduzidas pela Banda Municipal, ouvia os discursos oficiais e convidava autoridades municipais para seu churrasco⁴⁴. Assim como os colegiais, os sindicalistas eram constantemente convocados a marchar. E lá estavam eles no Dia da Bandeira, em uma comemoração organizada pela Liga de Defesa Nacional, nas comemorações do cinquentenário do município, no aniversário do município e no aniversário da declaração de guerra ao Eixo⁴⁵. No dia 19 de abril

⁴³ “Um Acontecimento Inédito”, *Correio Serrano*, 3 maio 1944, n.36, p.5; “Écos do dia 1º de Maio”, *Correio Serrano*, 10 maio 1944, n.38, p.6.

⁴⁴ Ver, *Correio Serrano*, 9 set. 1939, n.72; COI, *Livro de Atas*, 24 set. 1941 e 11 ago. 1943; STIMMMEI, *Livro de Atas*, 7 set. 1942, 5 set. 1943 e 27 ago. 1944; *Correio Serrano*, 1944, n.73, p.5; *Correio Serrano*, 1945, n.72, p.3.

⁴⁵ *Correio Serrano*, 1939, n.92; *Correio Serrano*, 23 out. 1940, n.86; *Correio Serrano*, 21 out. 1942, n.84, p.5; *Correio Serrano*, 1943, n.68, p.1.

de 1942, atendendo a uma solicitação do presidente do sindicato (Agostini), os metalúrgicos saíram em formação e, seguindo “os alunos dos colégios”, chegaram à Prefeitura onde foram feitas homenagens pelo aniversário do presidente Getúlio Vargas. De volta à sede, os associados foram novamente chamados a estar em frente à Prefeitura na próxima terça-feira, dessa vez para presenciar às homenagens do aniversário de morte do “grande brasileiro Tiradentes”⁴⁶. Mesmo trabalhadores não sindicalizados e relativamente à parte dos acontecimentos do período, podiam ser convocados a marchar. No relato que se segue, observe-se: o caráter compulsório dessas demonstrações patrióticas; a atitude contemporizadora dos proprietários da Livraria Serrana – principal gráfica da cidade por muitas décadas e um dos estabelecimentos mais mecanizados – ante os agentes nacionalistas; a legitimidade da sirene do Frigorífico Serrano para dissolver a formação:

Mas aquela vez quando tinha guerra do Hitler, quando o Hitler perdeu a guerra, daí que eles vieram fazer nós caminhar junto com eles. [...] Daí os Löw vieram, disseram “olha, vão com eles, é quase meio-dia”. Nós tinha que marchar com eles! Mas [marchamos] só uma quadra. E então saímos dali dos Löw, fizemos a volta por trás ansim e daí nós fomos lá embaixo no, na padaria do /Braucks/, até ali; quando chegamos ali, apitô o Frigorífico! [ri] Ah, uuh, fomos tudo embora pra casa! [RW] Eu não sei pra que que era aquilo. Sei que uns corriam pro banheiro, se fechavam lá dentro, mas nós, eu como tava, mas assim, como a porta tá aqui, a minha máquina tava ali, eu não tinha escapatória, sair dali. Então nós fomos junto, caminemos uma quadra só com eles. (impressora)

⁴⁶ STIMMMEI, *Livro de Atas*, 19 abr. 1942. O Livro de Presenças foi assinado por 24 pessoas.

O nível de interferência do Estado nas festividades sindicais dos trabalhadores é bem ilustrado no momento do reconhecimento dos sindicatos (de profissões) em 1937: o ministro aconselha que se realize uma festa para a entrega das cartas sindicais (Barbian, 1991, p.159).

Em se tratando de lugares sociais, há que destacar a distinção entre operários e comerciários. Se aqueles se reuniam no Clube Polonês, estes, tão logo iniciaram as reuniões para criar o Sindicato dos Empregados no Comércio, agendavam seus encontros no Clube Ginástica e Cantores⁴⁷. A categoria também dispunha de um dia exclusivo, o Dia do Empregado no Comércio, comemorado em 30 de outubro⁴⁸, e a diferenciação se estendia para outros calendários festivos: nas comemorações do cinquentenário existiu um “Dia do Operário” e um “Dia do Empregado no Comércio”, entre outros dias, como do estudante, da imprensa, da criança pobre, da indústria etc. Até na festa do Divino Espírito Santo as novenas eram dedicadas, em dias diferentes, aos comerciários, operários, bancários, funcionários públicos etc.⁴⁹ Alguma analogia é possível com a constatação de Bourdieu, a partir de suas pesquisas na França, que “entre os operários e os funcionários, passa uma verdadeira fronteira, pelo menos na ordem do estilo de vida” (Bourdieu, 1976, p.105). O trabalho no comércio certamente garantia uma sociabilidade mais ampla, maior acesso a informações e maior exercício da leitura e escrita; provavelmente esses fatores e não apenas o poder de pagar a

⁴⁷ *Correio Serrano*, 1936, n.87, p.1.

⁴⁸ Ver *Correio Serrano*, 24 out. 1934, n.85, p.1 e 29 out. 1938, n.87, p.2. Nos anos 40, o “Dia do Trabalho” é festejado também por comerciários e funcionários públicos (ver “O Dia do Trabalho em Ijuí”, *Correio Serrano*, 4 maio 1946, n.36, p.3.

⁴⁹ “O Cinquentenário de Ijuí”, *ÁLBUM; Correio Serrano*, 15 maio 1943, n.39, p.2; ver encarte com o convite.

mensalidade e o vestuário adequado permitia que os comerciários se aproximassem mais dos clubes. Nos trajés havia hábitos incorporados; no Frigorífico, por exemplo, era um costume generalizado o uso de tamancos: “se eu aparecesse com sapato, o Seu Rosalvo ia mandar voltar, ele ia pensar que eu tava roubando ele”, explica um antigo chefe de seção, que também lembra dos ternos que possuía. A possibilidade de ostentação – e de diferenciação – estava vedada, real ou imaginariamente, aos que ocupavam a fábrica.

AS EMPRESAS E O LAZER DOS TRABALHADORES

Oferecer churrasco aos empregados no “Dia do Operário” não era um acontecimento inédito como supunha o redator do *Correio Serrano* de 1944; já em maio de 1939 o mesmo periódico noticiara que a firma Reimann & Irmãos oferecera aos seus operários “um suculento churrasco regado a belas bebidas”⁵⁰. Sobre as comemorações de Primeiro de Maio promovidas pelas próprias empresas há outras referências esparsas:

Só tinha uma firma aí que eu sei que festejavam, um de origem austríaca, tinha fábrica de móveis, um tal de Gritsch. [...] Esse fazia, dava festa pros empregados. [Esposa] Aqui [fábrica de calçados], nem em outros lugares não saía, não faziam. Não davam... Era só, foi só depois de 38 que o dia Primeiro de Maio era, o comércio era fechado, e isso por lei. Mas antes não. [...] [RW] Agora quem dava festa aí também [?] funcionários aí fim de ano, Primeiro de Maio era o... Glitz. [?] umas duas vez, depois [?], ajeitou uma bebedeira pra dar um briga e depois [?] disse que nunca mais ia fazer. [Esposa] A Imasa também, mas eles

⁵⁰ *Correio Serrano*, 3 maio 1939, n.35, p.3. Nessa fundição, os churrascos faziam parte do cotidiano de trabalho (ver R. Weber, 1989, p.147).

ajeitaram lá entre eles pra... embebedaram os /bêbados/ pra dar briga, pra depois não ter desculpa, pra não dar mais. E um dos que deu mais certo foi o Frigorífico, 1º de Maio. Ali porque eles tinham carne e tudo então... terminavam certa tarefa lá... que faziam os empregados trabalhar, e terminavam [?]. "Vamos fazer carneação [?] de tantas cabeças que tão ali dentro do chiqueiro", diz "então nós vamos festejar o 1º de Maio aqui dentro da firma"⁵¹. (op. de curtume)

Mesmo ponderando algumas das afirmações acima, pode-se reter a idéia de brigas que inviabilizam festas promovidas pelos proprietários. Uma colega desse narrador, cujo marido foi um dos mais antigos empregados da fábrica de calçados, afirma que o patrão "cortou" a festa de Primeiro de Maio por causa de uma briga, associando-a, num dos vários exemplos de preconceitos étnicos entre os próprios trabalhadores, aos "brasileiros" que trabalhavam no curtume. Segundo essa mesma narradora, a empresa promovia piqueniques, com a presença de empregados e patrões, numa chácara de sua propriedade. Sobre piquenique de trabalhadores "acompanhados" por algum dos patrões, uma outra lembrança: "É, um filho do patrão sempre ia junto, ele e a mulher. Nós nunca ia sozinho, assim só os empregados, sempre convidava o... filho do patrão" (encadernadora).

O fato de tratar-se de um estabelecimento que operava com carne seguramente facilitava ao Frigorífico Serrano a oferta de churrasco: "sempre o Seu Rosalvo dava churrasco pro pessoal; seguido ele tava fazendo festinha pros funcionários", lembra uma antiga empacotadora de banha. O Jubileu de Prata do jornal *Serra Post*, confeccionado pela Livraria Serrana, foi comemorado numa chácara dos proprietários. Foi uma "festa" e a antiga impressora mostra a foto que guarda de lembrança: "Todos trabalhador tavam lá e ainda os convidados deles".

⁵¹ O "Glitz" era uma empresa predominantemente comercial que beneficiava alguns cereais e Imasa é o nome atual de uma antiga fundição e fábrica de máquinas (ver R. Weber, 1987). Sobre o 1º de Maio no F. Serrano, ver também R. Weber, 1989, p.166.

A forma mais acabada de organização do lazer dos empregados pela empresa foi o "clube" dos funcionários do Frigorífico Serrano. Segundo o narrador abaixo, a mensalidade dos funcionários era descontada em folha:

O filho do velho Scherer, ele resolveu abrir uma sociedade ali, fazer uma sociedade ali, esporte, futebol, bocha e tal, tudo ali ligado. E uma bailante em cima do escritório do frigorífico...para os funcionários, trabalhadores [?] ser associado. (magarefe, sangrador)

Outros informantes falam de um grupo de voleibol para as moças; da participação de "todo mundo, patrão, empregado"; da escolha de uma operária como rainha do clube de futebol. Esta última lembrança pode não dividir entre este primeiro clube e o criado em 1953; contudo, segundo uma ata do COI, existiu um "F. C. Serrano" que em 1943 jogou contra uma seleção denominada "Liberdade"⁵². Um refinador de banha aposentado conta que o velho Scherer desejava organizar uma orquestra de sopro e que "ele queria ter tomado conta da orquestra de sopro, mas ele [rindo] nunca tocou um instrumento, não sabia". Os bailes dessa associação acabaram de forma trágica, num incidente, em 1946, que expôs de forma aguda os conflitos étnicos locais (capítulo 4).

Os laços de amizade surgidos no ambiente de trabalho muitas vezes estendiam-se para além do espaço fabril e para além daqueles espaços festivos ou de lazer de alguma forma controlados pela empresa. As moças que dentro da fábrica formavam um "grupinho" que se defendia da vigilância patronal encontravam-se nos fins de semana; companheiras de serviço iam juntas a bailes; outras, depois de casadas e com filhos, tornavam-se comadres. Alguns rapa-

⁵² COI, *Livro de Atas*, 25 ago. 1943.

zes combinavam ao final do serviço onde se encontrariam mais tarde à noite. E havia relacionamento entre os trabalhadores e seus empregadores fora da fábrica? Aqueles empregados mais antigos, que tornaram-se os homens de confiança de seus patrões, podiam – numa possibilidade de caráter incomum – tê-los como amigos e fazer parte de seu mundo social: um gerente de fábrica compunha o bloco de carnaval organizado por seu patrão e cujos ensaios eram na própria fábrica, depois do expediente; um confeitiro foi apresentado por seu patrão para tornar-se membro da Sogi.

O ACESSO A INFORMAÇÕES (E A DISCURSOS)

Os primeiros rádios apareceram na cidade quando alguns dos entrevistados ainda eram garotos. Um deles recorda: “a vez que disseram que havia um rádio, que podia se ouvir alguém falando lá em Porto Alegre, houveram pessoas que não acreditaram”. Mesmo algumas décadas mais tarde “o rádio era coisa rara”. Esses aparelhos de recepção eram caros naqueles anos e um informante explica que, como não existiam rádios locais⁵³, “tinha que ter um rádio bom pra pegar São Paulo, Porto Alegre [...] E a gente não tinha condição pra comprar um rádio de alto gabarito”⁵⁴. “O véio B* tinha um rádio”, conta uma informante, “ele ligava bem alto e toda a vizinhança

⁵³ Uma das primeiras referências avulsas a uma emissora local é de 1941: entre as notícias de atividades do Grêmio Ijuense de Letras está a inauguração da “Rádio Missioneira, secção emissora de Ijuí” (*Correio Serrano*, 22 nov. 1941, n.94, p.1). Em 1934, falara-se em “Rádio Experimental de Ijuí” (*Correio Serrano*, 1934, n.4, p.3).

⁵⁴ Referindo-se às décadas de 20 e 30, em São Paulo, M. Auxiliadora G. Decca afirma: “O rádio ainda não era popular no período, os bares não os possuíam, eram caros e sinal de ‘boa posição econômica e social’” (Decca, p.42). Isso confirma que, pelo menos esse meio de comunicação de massa ainda não agia como dissolvente dos valores tradicionais do meio operário brasileiro, como supõe Hardman (1983).

ouvira”; perguntei-lhe porque ele deixava o volume alto: “talvez pra dizer que tinha rádio”. Símbolo de *status* para uns (B* era industrialista), prática coletiva para outros: os relatos sobre a sintonização de emissoras alemãs durante a 2ª Guerra mostram que os ouvintes se agrupavam, depois de um certo momento de forma clandestina, para escutar o noticiário da guerra: “vizinhança se juntava e escutava na casa de um”.

O outro meio de comunicação era a imprensa, principalmente os jornais locais, o *Serra Post* e o *Correio Serrano*:

Rádio não tinha na época. Rádio na época da guerra quem tinha rádio era rico. Rádio não tinha. [RW] Era muito difícil eu comprar um rádio. Eu quando casei [1945] eu comprei, depois com a primeira economia que eu fazia, que eu consegui fazer, eu comprei um rádio. Mas umas droguinhas que na época eram difícil de conseguir e... caros, né? Era caro. Então jornal tinha, tinha o Correio Serrano, né? Serra-Post; em alemão era Serra-Post. Isso aí era o nosso jornal, que se mais ou menos usava pra... conhecimentos, que ia acontecendo no mundo, né? (torneiro de madeira, teuto-romeno)

Em algumas edições, o *Correio Serrano* noticiava o aniversário de alguns trabalhadores fabris, principalmente de empregados da Livraria Serrana e seus familiares⁵⁵. Nos poucos exemplares existentes no MADP, do semanário do período estado-novista, *Jornal do Povo*, que tinha “entre os operários de Ijuí verdadeiros amigos e sinceros colaboradores”, constam várias notícias referentes aos sindicatos e este anúncio: “Os operários da Empresa Gráfica e Editora cumprimentam seus amigos e colegas de Arte, desejando-lhes Boas Festas e um Ano Novo abundante e cheio de venturas”⁵⁶.

⁵⁵ *Correio Serrano*, 1944, n.61, p.5; *Correio Serrano*, 1944, n.71, p.5; *Correio Serrano*, 1944, n.82; *Correio Serrano*, 1945, n.58, p.5.

⁵⁶ *Jornal do Povo*, 26 nov. 1943, n.7; 3 dez. 1943, n.8; 24 dez. 1943, n.11.

E os operários, liam jornais? Alguns sim, outros não. Há quem justifique não assinar jornal por ser "pobre"; por muito tempo nem luz (elétrica) havia na casa, só lampião; às vezes o irmão que trabalhava "no balcão" trazia um exemplar para casa. Uma impressora, que trabalhava confeccionando jornais e que recebia-os, por fim não os lia: "acabava o serviço queria...". ("O povo tem pouco lazer para se dedicar a um esforço intelectual; e o cansaço põe um limite à intensidade do esforço" [Weil, p.364].) Um teuto-romeno assinava o *Serra-Post*; outra família alemã assinava o próprio *Neue Deutsche Zeitung* de p.Alegre e se para revistas (em alemão) não possuía condições, havia o hábito do empréstimo entre amigos.

Os associados que freqüentavam as reuniões das entidades sindicais tomavam conhecimento do conteúdo de circulares das federações sindicais e há notícia de distribuição de "Boletim do Trabalhador" e de jornais do Ministério do Trabalho⁵⁷. Em 1935, o recém-fundado Sindicato Indústria e Comércio tratou de angariar assinaturas para o jornal "O Trabalho", órgão oficial da Federação dos Círculos Operários, lançado em dezembro de 1934 (Diehl, p.74); entre março e abril daquele ano, foram obtidas 21 assinaturas⁵⁸. Como contraponto, vejam-se os meios informativos providenciados pela entidade patronal, a ACI: "Afim de melhor orientar os seus associados deliberou-se assinar os diários oficiais do Brasil e do Estado do Rio Grande do Sul"⁵⁹.

Para as notícias locais, o meio de divulgação de maior alcance era o alto-falante. Para garantir numerosa presença na "concentração de todas as classes de operários", durante as comemorações da Semana da Pátria de 1943, o convite foi "comunicado pelo alto-

⁵⁷ STIMMMEI, *Livro de Atas*, 4 jun. 1944; 6 maio 1945; 7 out. 1945.

⁵⁸ SEIC, *Livro de Atas*, 3 mar. 1935, 25 mar. 1935, 15 abr. 1935.

⁵⁹ ACI, *Livro de Atas*, n.2, 29 jul. 1936.

falante da cidade"⁶⁰. Talvez seguindo instruções de decreto-lei do Estado Novo, que aconselhava a instalação de alto-falantes em logradouros públicos de cidades do interior para transmissão da "Hora do Brasil" (Gomes, 1988, p.232), os alto-falantes estavam instalados em postes no centro da cidade e, segundo uma informante, podiam ser ouvidos a grande distância, a ponto de alguns moradores reclamarem do som dos aparelhos. Em meados de 1946, um "Serviço de Alto-Falantes" foi inaugurado com o nome de "Rádio Ijuí" e na Semana da Pátria deste ano "transmitia para os principais pontos da cidade o início da magnífica solenidade"⁶¹. Não apenas notícias cívicas, mas informes sobre bailes do fim de semana eram transmitidos, lembra uma operária, no horário de volta para casa do trabalho.

⁶⁰ STIMMMEI, *Livro de Atas*, 5 set. 1943.

⁶¹ "Inaugurada a Rádio Ijuí", *Correio Serrano*, 26 jun. 1946, n.51, p.5; "As Festas da Pátria decorrem com excepcional brilhantismo", *Correio Serrano*, 7 set. 1946, n.72, p.5.